

O APOIO

Iniciamos neste número a publicação de uma série de conferências realizadas pelos alunos do Centro Especial de Equitação, sob a orientação do Major Jefferson da Rocha Braune. Os Capts. Enio Santos e Raul Carnaúba, autores do trabalho que se segue são atualmente instrutores de equitação, respectivamente, da Escola das Armas e do Regimento de Cavalaria de guardas.

No adexramento dos cavalos, visando a sua mais variada utilização, não tem tido o apoio a importância que lhe devemos dar.

Os compêndios, os tratados, enfim, tudo que já se escreveu sobre equitação não têm se ocupado diretamente deste assunto tão complicado, quando, na verdade, um livro inteiro deveria ser dedicado ao muito que condensa esta pequena palavra — Apoio — e que representa quase tudo em equitação.

Podemos dizer que o Apoio é a pedra de toque da arte equestre.

Inicialmente fazemos uma diferenciação entre o **apoiar** indicando ação e o **apoio**, substantivo: é daquele que pretendemos nos ocupar e é nele que encontramos "a fonte do sacrifício humano" como já foi dito por força de expressão, para acentuar o quanto nos preocupa este detalhe e como é difícil a sua obtenção.

Dizem os mestres: "Quando estivermos a cavalo, em qualquer circunstância e se nos preocupa a boa equitação, não perdamos tempo: procuremos sempre levar o nosso cavalo sobre a mão".

No cavalo, se apoiar com suavidade sobre a embocadura, reside todo segredo da boa aceitação, por parte dele, das exigências do cavaleiro, acarretando, em consequência, uma execução rápida e a mais perfeita possível dos movimentos solicitados, estando êle com uma bela colocação de cabeça, elegante, brilhante em suas andaduras, leve, enfim: **calmo, direito, e para frente**.

Quando notamos que o cavalo procura se encostar na embocadura com suavidade, podemos dizer que foi **iniciada a palestra** entre o cavalo e cavaleiro e que o estabelecimento da linguagem convencional — base da equitação — entre ambos, é só questão de tempo, agora reduzido ao mínimo pelo fato do cavalo já se apoiar, o que representa domínio por parte do cavaleiro, de cuja habilidade e bom senso depende o bom êxito do adexramento iniciado. É o princípio de uma amizade que se deve caracterizar pela concessão mútua, quer da parte do cavalo cedendo às exigências de seu cavaleiro, quer da parte deste, exigindo do animal somente aquilo que êle lhe poderá proporcionar.

Ao montarmos um cavalo ainda novo, mas que já foi domado, podemos sentir ao lhe ser exigido certos movimentos, que êle: ou pesa muito sobre a mão (reação de peso)

— ou, temendo sua ação, se coloca de modo a fugir aos seus efeitos, dando ao cavaleiro a sensação de leveza total (cavalo atrás da mão)

— ou, ainda, estabelece luta contra a mão do cavaleiro (reação de força).

No primeiro caso presenciamos o cavalo com a cabeça muito baixa, grande parte do seu peso sobre as espáduas posteriores trazidos a reboque, os rins amassados; no segundo caso, vêmo-lo com o mento muito próximo ao pescoço, falsamente colocado e, se observarmos bem, notaremos seus posteriores ainda a reboque, seus rins ainda amassados e a espinha com sua curvatura para baixo e, sobretudo, sem a mínima impulsão, atrás das pernas; no terceiro caso a sua cabeça está levantada, a garupa derrapando para a esquerda e para a direita e as mesmas características de rins, posteriores e espinha dorsal.

Isso que dissemos, é fruto de nossa observação durante os trabalhos dos cavalos novos, distribuídos a nós alunos do Curso Especial de Equitação, e, em todos os casos, somente o trabalho levará o animal a deixar de pesar na mão, apoiando-se mais suavemente no 1.º caso, ou ir mais confiantemente ao apoio nos 2.º e 3.º.

Para qualquer destas defezas a solução é a **mão fixa**, ou melhor, para não dar uma idéia de absolutismo deste recurso para levar o cavalo ao apoio, digamos somente, que ela (a mão fixa) é um meio muito eficaz de correção. Este assunto já serviu de tema

para trabalhos nossos no curso e está perfeitamente assinalada a diferença entre **mão fixa e mão fixada**. É daquela que nos ocupamos.

Quando a interpretarmos devemos concebê-la sem a rigidez com que é encarada normalmente, pois os dedos, principalmente os mínimos, devem provocar constantemente uma meia tensão nas rédeas, a que o cavalo responderá, se o trabalho estiver surtindo efeito, com uma descontração do seu maxilar inferior e "esta descontração não deve cessar imediatamente" (Reg. Eq.).

Não devemos esquecer que as pernas têm grande influência, a fim de manter a impulsão, jogando a cavalo sobre a embocadura: "Pas de impulsion, pas de cheval".

Ainda como fruto de observação durante o curso, notamos que muitos de nossos cavalos, que estavam enquadrados no caso dos que pesam excessivamente sobre a mão passaram para o 2.º ou 3.º caso, isto é: de muito pesados que eram de frente, ficaram completamente atrás das mãos ou apresentaram uma reação de força. Aliás, isto é fácil de ser explicado, basta que o cavaleiro haja com mãos de aço e as pernas inativas, caso o cavaleiro não possua estas "qualidades" a reação acima pôde se apresentar como consequência de uma inexistência de acôrdo nas ajudas, o animal lançado numa tremenda confusão procura fugir às ações de pernas e mãos colocando-se atrás das mesmas.

Muitas vezes, principalmente com os cavalos que fogem afeito das rédeas, é necessário que o cavaleiro procure o contato com a boca do animal pela tensão das rédeas, mas à proporção que o ensino avança o cavalo se habitua a ir francamente para frente, sob a ação das pernas do cavaleiro e não sendo obstado pela ação da mão, êle mesmo procurará este contato, que no começo será um pouco exagerado. Diz C. Butthold a este respeito: "Este apoio torna-se cada vez mais ligeiro à proporção que o cavalo progride no seu ensino, mas no princípio deve ser muito franco".

O Gen. Julio de Oliveira embora não seja um clássico, tem a sua palavra em equitação merecedora de todo o nosso respeito, devido à sua longa experiência adquirida em 17 anos de prática, como instrutor da Escola de Cavalaria do Exército Português, referindo-se ao **cavalo direito** e ao modo de conseguí-lo pelo trabalho de **espáduas a dentro**, diz de um cavalo que cai sobre a espádua direita e foge com a garupa para a esquerda: "Para endireitar um cavalo nestas condições é necessário, primeiramente, atirá-lo para diante, levá-lo sobre a mão, pois só assim é possível atuar com as rédeas sobre o seu ante-mão".

Note-se bem a significação do termo **primeiramente** e da expressão "**pois só assim é possível**" que dão bem a idéia do quanto é fundamental o apoio.

Ainda do Gen. Julio de Oliveira destacamos o seguinte: "Exactamente como as pernas, as mãos podem atuar, resistir ou ceder. Atuam quando exercem tensão nas rédeas, resistem quando se fixam para opor-se a qualquer resistência encontrada, cedem quando, embora conservando o ligeiro contato que deve existir entre a boca do cavalo e a mão do cavaleiro, não se opõem ao movimento nem às deslocacões de peso". Diz, ainda, o Gen. Oliveira: "É indispensável que, logo de início, e simultaneamente com o hábito do movimento para frente e da obediência à ação impulsiva das pernas, o poldro se acostuma a aceitar o contato franco com a mão do cavaleiro, porque é êsse contato que permite assegurar a ligação completa d'êle com o cavaleiro, e permitindo enquadrar o cavalo, coloca-o dentro do corredor das ajudas, como é costume dizer-se". Vê-se no primeiro típico, quando o autor fala de "**contato que normalmente deve existir**" que êle pretende dar a idéia de que este contato deve existir **sempre**; e quando afirma a seguir que "**é êsse contato que permite assegurar a ligação completa entre cavalo e cavaleiro**" é sua intenção deixar patente que sem êle nada é possível fazer, pois o estabelecimento da linguagem convencional entre ambos torna-se irrealizável.

Diz o nosso Reg. Eq., referindo-se à ligação entre cavalo e cavaleiro: "Para que os efeitos de rédeas sejam precisos é necessário que elas fiquem ajustadas e tensas durante o trabalho, se ficassem frouxas as indicações não chegariam ao cavalo o chegar-lhe iam confusas ou debaixo da forma de choques brutais e desusados".

É um episódio muito comum em concursos hípicas vermos cavaleiros que, não tendo seu cavalo na mão, após saltarem um obstáculo com as rédeas bambas, ao retomarem suas montadas o fazem de modo brusco, causando-lhes sobressaltos, dando origem a defesas e luta aberta entre ambos, conseqüentemente advem um péssimo salto sobre o obstáculo seguinte.

Vejamos quais são as manifestações visíveis do apoio:

- descontração dos músculos do pescoço;
- descontração do maxilar à menor tensão das rédeas;
- espuma abundante e grossa na boca;
- elegância nas andaduras;
- impulsão;
- engajamento;

— e, principalmente, a ausência de lutas entre cavalo e cavaleiro nos alongamentos e encurtamentos de andaduras.

A manifestação do apoio pelo sentido auditivo está no **ruido argentino** que é produzido quando o cavalo, descontraindo o maxilar, levanta a embocadura com a língua e a solta em seguida.

Le Bon, mestre insigne da arte, diz: "O cavalo apoiado levemente sobre a mão do cavaleiro significa:

- cavalo obediente às menores indicações das ajudas, isto quer dizer: leve nas mãos e pernas;
- coloca-o sob o domínio absoluto do cavaleiro e paralisa suas defesas;
- ao cavaleiro permite variar o equilíbrio, a andadura e a velocidade;

— torna o cavalo com suas andaduras mais agradáveis, pois o engajamento resultante amortece as reações que, pela cadeia das vértebras, se propagam aos jarretes e boletos as quais são muito ásperas quando não há engajamento e o pescoço é rígido".

No salto de obstáculos é ainda o apoio ativo do cavaleiro preocupações e, ao nosso ver, deve ser interpretado do seguinte modo:

— fora dos famosos dez metros cabe ao cavaleiro o comando das ações de pernas e mãos, regulando a velocidade de sua montada. Ao se aproximar da barreira é lógico que o cavalo aumente a impulsão para poder transpô-la e nessa ocasião cabe ao cavaleiro dar-lhe liberdade de pescoço, sem entretanto perder o apoio, pois é o cavalo — e somente ele — que sabe o quanto precisa distender o pescoço para transpor o obstáculo. É o cavalo que **dix** a quantidade de rédeas que necessita para bem saltar. Essa concessão por parte do cavaleiro tem de ser feita de modo a não perder o apoio, conforme foi dito linhas atrás, necessitando o mesmo grande habilidade para isso, posto que se ela fôr muito limitada não dará liberdade ao animal para se empregar na plenitude de seus recursos e uma falta é quase certa; no caso de concessão exagerada girará do cavalo, que vinha confiante na mão do seu ginete, o apoio indispensável para a execução do salto, lançando-o repentinamente sobre as espáduas, acarretando um salto defeituoso passível de penalidade.

De tudo isso concluímos que no salto de obstáculos a mão deve ser passiva, sem esquecer no entanto o que diz o Reg. Eq. — "mão passiva é aquela que, conservando o contato, não se opõe nem à impulsão e nem ao deslocamento de peso".

Dêsse modo terminamos nosso desprezencioso trabalho, reafirmando aquilo que dissemos no início — "o apoio é a pedra de toque da equitação", se conseguirmos ter os nossos cavalos apoiados franca e confiantemente em nossas mãos, podemos ter a certeza de já termos atingido as proximidades do objetivo final e rumo a esse objetivo é que concitamos aos colegas a se dirigirem, bem sentados na sela e ao galope em seus cavalos calmos, direitos e para a frente.